

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 22 de maio de 2019

Textos de referência: L. Giussani, Por que a Igreja, Cia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 355-360; “Introdução”, em J. Carrón, O que resiste ao impacto da passagem do tempo?, livreto dos Exercícios da Fraternidade 2019, pp. 01-08.

- *Ballata del potere*
- *Come my Way, my Truth, my Life*

Glória

Julián Carrón: Vamos começar nosso trabalho sobre os Exercícios da Fraternidade e sobre o [panfleto pelas eleições europeias](#). Uma pessoa enviou uma pergunta: “Na Introdução dos Exercícios da Fraternidade a afeição a si é definida como ‘apego cheio de estima e de compaixão, de piedade, por nós mesmos’. Gostaria de perguntar como se joga, no cotidiano, a estima, a compaixão e a piedade por nós mesmos”. É significativo que esta pergunta se repita e se documente de tantas maneiras e isso demonstra quanto temos necessidade, como todos, dessa estima, dessa afeição no cotidiano.

Colocação: *Sou estudante universitária e gostaria de contar o que aconteceu na última Escola de Comunidade. Partimos da pergunta de um amigo meu: “Ultimamente não consigo participar de todas as coisas que me são propostas com a promessa de me tornar mais eu mesmo. E, agora, para mim, onde se joga essa possibilidade?”. Alguns se colocaram, as perguntas se tornam mais urgentes, como: “Por que venho aqui?”; “O que acontece quando venho a este lugar?”. Parecia-me que o coração da questão não vinha à tona, até que um amigo leu, nas últimas páginas da Introdução dos Exercícios, a conclusão de uma contribuição: “Então por que é que eu venho [aos Exercícios]? Venho, acho, pela única coisa que me parece poder definir uma constante: uma última e indestrutível atração por algo que vive no Movimento e do qual não consigo separar-me. Venho procurar a única coisa de que realmente tenho saudades”. E meu amigo acrescentou: “Ou seja, é por esse olhar de preferência última que o nosso ser espera. Com isso, posso ir a qualquer lugar”. Ele tinha chegado ao centro da questão. Eu, por cansaço e como sentimento, naquele instante gostaria de permanecer em silêncio, mas ainda havia uma coisa a dizer, uma coisa que devia dizer aos amigos e a mim mesma; devia dizer o que aconteceu na minha vida através do Movimento, porque através destes rostos, através do Movimento pude experimentar este olhar de preferência último que, para mim, foi tão correspondente e totalizante que chegou, aos poucos, a determinar a origem da minha ação. É algo que encontrei em mim e que gradativamente permeou cada aspecto de mim. E então, as escolhas mais importantes da minha vida nasceram do amor desse olhar, e isso significou escolher este curso quatro anos atrás, colocar-me de um certo modo diante dos dramas da minha família e decidir, há alguns anos, ir morar no apartamento do CLU [universitários de CL]. A coisa incrível é que esse olhar tornou-se uma origem e um fim: começou, de fato, a me gerar e, neste ser gerada, preciso continuamente me mover para ir em busca dos traços. Não há coisa mais importante para mim do que esta: do que este Cristo que me alcançou e do qual não posso mais prescindir. Por isso, se o que dizemos aqui fica confinado nesta sala, nesta circunstância, nestes rostos, corremos o risco de viver em uma redoma de vidro, e é perda de tempo. Mas se se introduz a hipótese de que o texto dos Exercícios, os fatos que contamos uns aos outros, as perguntas que temos, possam dizer respeito à nossa vida inteira, com este olhar poderemos ir a qualquer lugar. Enquanto dizia essas coisas, me comovi por ter um coração que*

começa a arder pelo olhar que continuamente recebe. Acho que não podemos estar juntos por menos do que isto.

Carrón: Este é um exemplo de resposta à pergunta do canto inicial: “Como um homem pode esperar?”. Um homem pode esperar – como você disse –, pode ter uma afeição por si mesmo, somente por causa da experiência histórica do encontro com “algo” que é capaz de despertar uma paixão por si mesmo, “algo” que acontece em um lugar preciso e que se encarna em um verdadeiro gesto de amizade. Para poder responder a todas as questões que urgem na vida devemos estar atentos a onde isto acontece.

Colocação: *Minha colocação é, em primeiro lugar, um agradecimento pelo que aconteceu na sexta-feira à noite nos Exercícios da Fraternidade. A primeira leitura da Introdução suscitou em mim, imediatamente, duas reações: de um lado, a surpresa pela fotografia lúcida do meu cotidiano, marcado pelo cansaço e pelo desconforto por uma vida que oprime como um rio caudaloso, sem margem de protagonismo e sem repouso, em todos os contextos (família, trabalho, amigos e conhecidos); do outro, a sensação de que o tema tratado fosse um pouco para “perdedores”, distante anos-luz da imagem de ostentada segurança de um “membro de CL de criação”, pois frequento o Movimento há muitos anos. Mas depois, retomando a própria Introdução, e sobretudo vivendo, percebi uma coisa que tinha diante de mim e não via: aquela sexta-feira foi um gesto de amizade verdadeira, o maior que eu poderia esperar. Porém, só percebi isso nas semanas seguintes quando, dentro do turbilhão e das desilusões do cotidiano, muitas pequenas coisas me faziam levantar a cabeça e, veja só, todas tinham a ver com o Movimento. Nenhuma outra coisa, nenhum outro lugar, tinha uma incidência tão resolutiva, tão positiva, mesmo que breve, no caos da minha vida. Assim, uma manhã, ouvindo o áudio da Introdução, cada palavra dita soava como o convite de um amigo que tinha entendido tudo de mim (não havia uma só citação ou descrição que não tivesse a ver de algum modo comigo e com a minha vida), e me propunha um percurso comum. Assim, entendi que aquela sexta-feira em Rímni não tinha sido apenas um congresso de especialistas sobre o mal-estar moderno, capazes de propor receitas para superá-lo. Era simplesmente um lugar, uma presença, discreta, paciente, como é todo o Movimento, ao qual eu permaneço misteriosamente apegado. Tenho urgência de uma amizade assim, com a evidência de centelhas de uma vida bela, sem as quais estaria desesperado e, provavelmente, cínico. Obrigado.*

Carrón: É impressionante o que você diz: “sobretudo vivendo, percebi...”. Mesmo com o cansaço ou desconforto do cotidiano, uma proposta só pode ser entendida se a vivemos: “percebi uma coisa que tinha diante de mim e não via”. Só podemos entender se vivemos, se estamos presentes nas coisas e se nos envolvemos com aquilo que vivemos, senão, mesmo tendo uma coisa diante de nós, não a vemos. Isso sempre me impressiona. E então, quanto mais estamos envolvidos com a vida tanto mais percebemos as propostas que fazemos, os gestos que vivemos como atos de amizade verdadeira, como aconteceu com você. Não porque já nos conhecêssemos. É a primeira vez que eu e você nos vemos. Por que você sentiu as minhas palavras em Rímni como um gesto de amizade? Porque amigo é quem lhe desperta, quem ajuda a caminhar em direção à meta; e essa ajuda, como dizia Dom Giussani, é percebida também, ou talvez sobretudo naquilo que dizemos diante de todos. Não precisamos de momentos especiais entre nós; evidentemente, se conseguimos nos encontrar é melhor, estou contente por poder olhar para vocês agora, mas nem sempre é possível e, como você documenta, não é necessário. A única coisa necessária é que aquilo que me desperta aconteça através de alguém e que eu, estando atento à minha vida, possa interceptá-lo, ligando a minha vida a ele, ao lugar onde isso aconteceu: “Nenhum outro lugar tinha essa incidência, cada palavra dita soava como um convite de um amigo”. Isto levou você a uma consciência: “Tenho urgência de uma amizade assim”, que dure no tempo e constantemente lhe sustente. Porém, às vezes os relacionamentos não duram, como me escreve um de vocês: “Carrego uma ferida: nos dois últimos anos, alguns relacionamentos através dos quais a

presença de Cristo se fez carne foram aos poucos se enfraquecendo, a ponto de não nos falarmos mais. Levei muito a sério o fato de que a primeira preferência sobre mim é a de Cristo que me tomou e, por isso, é na normalidade das coisas que os relacionamentos podem mudar. Trabalhei sobre isto, e neste período outros relacionamentos nasceram, inesperados, doados, todavia percebi em mim um cinismo de fundo que me levou a pensar: se aqueles, que eram relacionamentos verdadeiros, de anos, tornaram-se formais, então estes também podem se tornar. E senti uma insatisfação imensa. Depois, os últimos Exercícios evidenciaram essa minha questão e a pergunta tornou-se ainda mais forte: “O que dura?”, uma vez que não duram nem os relacionamentos através dos quais a presença de Cristo se fez carne. Continua: “Se relacionamentos verdadeiros acabam em nada, o que dura? Porque eu me afeiçoou à carne, e esta carne não é uma massa informe, mas é feita de rostos precisos, e quando eles faltam não é que tudo fique igual. Também tento me acalmar, mas não consigo, porque preciso desta preferência para poder resistir. Percebi que me apoio nas pessoas e não em Cristo. Mas não consigo fazer essa diferença”. Na Escola de Comunidade estudamos que os relacionamentos que temos, pela graça que nos foi dada, passam através da nossa liberdade. Conseqüentemente, também os relacionamentos verdadeiros, que sentimos como verdadeiros, pelas razões que todos sabemos, podem acabar. Mas isto traz à tona a questão do desafio do reconhecimento. Como dissemos na Primeira Meditação dos Exercícios, os discípulos também precisaram passar por isso, até reconhecerem quem era Cristo. Se nos relacionamentos verdadeiros que temos não percebemos Aquele que vem ao nosso encontro através desses relacionamentos, quando, por uma razão qualquer, um ou outro não responde mais como deveria ou como gostaríamos, desaparece também a certeza sobre Cristo. Neste período, a liturgia do tempo Pascal nos faz ler o Evangelho de São João. Jesus diz aos discípulos: “Quem crê em mim, não crê em mim, mas n’Aquele que me enviou” (Jo 12,44). É fundamental entender isto. Jesus, de fato, não permanecerá com eles na forma histórica na qual O conheceram, ao contrário, lhes dirá: “Convém que eu me vá, porque se eu não me for, vocês não se darão conta do que aconteceu” (cf. Jo 16,7). Por isso, temos um trabalho a fazer para descobrir o que dura também naqueles relacionamentos que podem não durar, o que há dentro do rosto do outro, no laço com ele, que permanece.

Colocação: *Pelo segundo ano consecutivo, eu e meu marido não pudemos participar dos Exercícios. Infelizmente, os numerosos problemas de saúde dos nossos familiares estão nos pedindo uma obediência de não nos afastarmos de casa, a não ser por algumas horas, no máximo. Quando recebi sua pergunta sobre o que resiste ao impacto da passagem do tempo, senti-me provocada no concreto. Poderia olhar para a situação que eu e meu marido estamos vivendo considerando-a como um grande azar que nos aconteceu, mas nesta circunstância estamos tocando com a mão o que é essencial, estamos experimentando o que significa preferência. Na dificuldade do cotidiano não nos sentimos sós ou abandonados. A ternura do Pai nos toca continuamente, no cotidiano há sempre ocasiões nas quais experimentá-Lo: um rosto, uma mensagem, uma pessoa. Não estamos sozinhos, estamos em Suas mãos e tudo, nesta experiência, é salvo. Eu lhe agradeço, porque tudo isso é possível graças ao trabalho que nos pediu para fazer, o trabalho cotidiano da Escola de Comunidade, em primeiro lugar.*

Carrón: O que você está dizendo me impressiona, porque mesmo numa circunstância como esta (não poder participar de certos gestos por causa de circunstâncias inevitáveis), se a pessoa fez o percurso ao qual Jesus convida os discípulos, não se sente sozinha. Justamente aquela circunstância, aquele momento, foi, para vocês, ocasião para experimentar uma preferência, “a ternura do Pai” no rosto das pessoas que vocês encontraram. Como diz Jesus: “Quem crê em mim, não crê em mim, mas no Pai que me enviou”. Você não fez apenas um comentário à citação de São João que acabei de ler, mas descobriu dentro da experiência a verdade destas palavras e isto faz com que você não se sinta sozinha: “Não estamos sozinhos, estamos em Suas mãos e tudo, nesta experiência, é salvo”.

As eleições europeias são uma circunstância que diz respeito a todos nós. O fato de acontecer em concomitância com o início do trabalho sobre os Exercícios representa uma ocasião para verificar quanto aquilo que dissemos em Rímini tem a ver com a vida. Todos estamos enfrentando a questão eleitoral e é muito significativo que muitos tenham expressado uma gratidão pelo panfleto de CL: “Quero agradecer o Movimento porque pela primeira vez estou diante de uma circunstância política como protagonista”. Esta pessoa escreve que no passado não se sentia protagonista enquanto, desta vez, sim. No site de CL se encontram muitas experiências compartilhadas por pessoas que se colocaram em movimento, nas quais a esperança da qual falávamos antes foi despertada novamente.

Colocação: *Não posso esconder que a pergunta dos Exercícios tornou-se, de algum modo, parte integrante do meu café da manhã – no sentido físico –, portanto, cotidiana e matinal. Começar o dia assim é diferente. Depois, saiu o panfleto sobre as eleições, o qual li e reli muitas vezes, e concordei plenamente com todos os juízos e com as perguntas colocadas. Mas, miseravelmente, me vi na seguinte posição: tudo muito bonito, e depois? Onde coloco o “x” na hora de votar? Como se, de algum modo, tudo o que é dito no panfleto fosse a teoria, a parte mais abstrata. E a parte prática, o concreto, o voto, onde está? E me vi em uma divisão terrível entre a minha experiência e a realidade nas suas circunstâncias (neste caso, as eleições, mas poderia ter sido qualquer outra circunstância). O que tem a ver a política e, portanto, estas eleições, com a pergunta dos Exercícios? O que significa perguntar-se “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?” em relação a uma realidade política que me parece exatamente o oposto, bastante líquida e transitória? Acaso já não era assim nos tempos de Jesus? Durante três anos, os apóstolos esperaram d’Ele uma ação política em relação aos romanos, aos fariseus, enquanto Ele só se preocupou em fazer o cristianismo. Peço uma ajuda para olhar para esta minha posição porque não quero viver esta circunstância simplesmente esperando que ela passe para depois me lamentar que a sociedade não funciona e tudo desmorona.*

Carrón: Todos nós temos a possibilidade de ver se e como os Exercícios interceptaram a circunstância eleitoral. Você nos contou a descoberta desta divisão dentro de você, que pode terminar numa indiferença cada vez maior ou no cinismo. O que nos ajudou a vencer essa divisão?

Colocação: *Fiquei muito impressionado com um amigo meu que este ano participou pela primeira vez dos Exercícios dos Trabalhadores. Em relação ao panfleto sobre as eleições, me fez esta observação: “A ideia do panfleto de alargar o olhar para além das questões internas individuais para que percebamos a ligação entre o que vivemos e as questões políticas da Europa é muito profunda e fascinante”. Fiquei tocado, porque ele estava me dizendo que o bonito disso é que ele tinha vivido uma experiência que alargou o seu olhar e que esse era o critério com o qual julgar também as eleições europeias. Então, percebi o erro no qual estava caindo, o erro que estava cometendo: eu estava considerando as passagens do panfleto como uma tarefa a ser cumprida para poder, depois, chegar a uma resposta precisa. Este amigo, ao contrário, estava fazendo outra coisa: estava fazendo o caminho cujos passos eram marcados por aquilo que tinha acontecido a ele. Aquele fato – que para ele foram os Exercícios e, depois, o panfleto – tinha alargado o seu olhar. Isso foi decisivo para mim, porque desafiou-me a reconhecer o que, hoje, alarga o meu olhar. De fato, não é a Europa que alarga o meu olhar, ou este ou aquele político, mas a experiência que faço, porque o que eu vivo já tem as dimensões do mundo e me enche de paixão por tudo. Eu buscava uma lógica perfeita que me levasse a estabelecer coerentemente em quem votar, e o meu amigo me testemunhou um olhar desperto, desperto por uma experiência (a experiência que ele estava fazendo) e tenso a permanecer assim em cada circunstância, inclusive a do voto. O fascínio de tudo isso é que eu também comecei a mudar, porque estou vendo alguém que não repete ou explica o conteúdo do panfleto, mas o vive.*

Carrón: O que alargou o olhar do seu amigo, o que o tirou da redução da qual falávamos antes foi o fato de ter participado dos Exercícios e de ter lido o panfleto: isso mostra qual é o recurso que temos

para enfrentar qualquer situação. Muitas vezes, porém, prevalece, como dizíamos, um dualismo, uma divisão terrível entre um aspecto da vida, como a política (amanhã poderá ser a família, depois de amanhã uma outra circunstância, por exemplo uma doença ou simplesmente o cotidiano que quebra as pernas), e o vir aqui esta noite ou ter ido aos Exercícios. Sempre me impressiona ver que às vezes o último chegado nos devolve aquilo que está diante dos nossos olhos, mas que nós não vemos. É a modalidade com a qual o Mistério nos alcança, como alcançou os amigos de Perugia – como vocês podem ler no site de CL –. Convidado para um diálogo sobre o panfleto, diante da perplexidade de alguns do Movimento pela pressuposta falta de incidência política, o ex-prefeito de esquerda de uma pequena cidade da Úmbria tomou a palavra brandindo o panfleto e expressando apaixonadamente as motivações pelas quais, na opinião dele, este tinha uma excepcional força política: “Nestes exemplos [que estão no panfleto e que para muitos não dizem nada] está tudo aquilo para o que a política deveria olhar. [...] Vocês realmente acreditam que quem escreveu este panfleto não teria outra coisa a dizer? Seu conteúdo me parece uma escolha bem precisa e nos pede para mudar o olhar. [...] CL quis chegar neste nível para mostrar que a política não é, antes de tudo, uma estratégia” (“Uma mudança de olhar”, 17 de maio de 2019). Mas esta lucidez só é possível se a pessoa se deixa tocar por aquilo que acontece.

Colocação: *Faz três anos que nós passamos a Páscoa junto com algumas famílias e outros amigos: visitamos uma cidade, fazemos festa, jogamos futebol e cantamos. Este ano fiquei tocado, porque fomos espectadores de uma harmonia livre; cada um respondeu a uma beleza que viu para si e da qual queria ser parte. Não pude evitar, já enquanto estava ali, a pergunta sobre o nexa entre aqueles dias e as eleições europeias.*

Carrón: Entendem? Não pude evitar uma pergunta sobre o “nexa”.

Colocação: *O panfleto, de fato, tinha me provocado muito. Mas ganhou outra consistência depois do que aconteceu naqueles dias. Antes, podia olhar para as perguntas que ele coloca, em última instância, medindo a mim mesmo. Mas, depois daqueles dias, nasceu um interesse pelas eleições justamente a partir do que aconteceu em Pádua. E, então, prestei mais atenção em todo o panfleto, sobretudo quando diz: temos necessidade de “encontrar [...] uma vida que tenha a força de nos voltar a abrir a esperança, de reacender em nós o interesse pela existência, a nossa e a dos nossos familiares, amigos, colegas, concidadãos”. A experiência dessa vida é o que está tornando possível que eu me interesse pelas eleições, em um momento no qual constatava em mim uma indiferença galopante em relação a este aspecto da realidade. Esta é a descrição do que me aconteceu: uma vida que me doa novamente uma capacidade de apego à realidade.*

Carrón: O que o panfleto ou os Exercícios têm a ver com isto? Se não nos damos conta disso, acabamos tentando combater somente as consequências, como a indiferença, sem enfrentar minimamente o ponto de onde nasce a resposta a tal indiferença, que é uma vida, não um discurso. A resposta não é uma exortação, não é a pura repetição de uma fórmula, mas é uma vida! Vale para todos, começando por nós. De fato, uma das muitas contribuições que vocês enviaram para esta noite, diz: “O enfraquecimento cada vez mais evidente do interesse pela realidade do qual fala o panfleto, não é antes de mais nada um juízo sobre a sociedade, é um juízo sobre mim [muitos de nós poderia assinar embaixo], sobre como eu normalmente olho para a realidade”. Por isso, Dom Giussani dizia, a propósito do que aconteceu em 68: “Não contrapomos à teoria do Movimento Estudantil uma outra teoria que nos parece mais abrangente, mais humana: opomos uma vida diferente, graças à qual possuímos uma outra maneira de conhecer” (L. Giussani, “[A longa marcha da maturidade](#)”, *Passos* n. 92 Abril/2008, p. 29). Só uma vida diferente é capaz de suscitar o interesse por tudo. Foi o que emergiu durante a Diaconia do CLU que colocamos no site de CL. Respondendo à colocação de um universitário, disse que é uma vida nova, não algo virtual, mas uma vida nova, real e nova, superabundante, carregada de uma riqueza transbordante (como aquela que viveram nossos amigos na

Páscoa) que permite levantar o olhar (cf. “O valor político de uma experiência”) e se interessar por tudo.

Colocação: *Este ano, na nossa Escola de Comunidade, chegaram alguns amigos novos, pessoas da minha idade. Alguns encontraram o Movimento agora, outros o reencontraram depois de muito tempo. Uma noite, depois da Escola de Comunidade, paramos para conversar com alguns deles sobre política, sobre como podemos contribuir com a nossa cidade e com o nosso país. Do nosso diálogo, emergiam uma desilusão e um cinismo de fundo, mais ou menos como o que quase sempre percebemos quando assistimos os talk show da televisão. Era uma discussão pouco fascinante, que desde o início tinha me deixado insatisfeito.*

Carrón: Este cinismo e esta desilusão estão em nós, não só nos outros.

Colocação: *Algumas semanas depois aconteceram os Exercícios dos Trabalhadores e decidimos ir junto com alguns deles. Foram três dias de uma grande plenitude de vida incrível, seja para quem estava ali pela primeira vez, seja para quem tinha voltado depois de 25 anos, seja para mim, que via seus rostos aos poucos tornarem-se cada vez mais contentes e livres. Quando voltamos para casa, na Escola de Comunidade da semana seguinte trabalhamos sobre o panfleto “Uma presença para a necessidade do mundo”. Os amigos novos e antigos se colocaram contando como aqueles dias em Rímni tinham transformado suas vidas e suas escolhas cotidianas no trabalho, com os colegas e com suas famílias. Todos testemunharam a própria mudança, ligando-a à beleza vivida alguns dias antes. “É disso”, dizia um deles, “que o mundo tem necessidade e não de outra coisa; esta é a única coisa que pode mudar a vida da sociedade”. Conto dois episódios. Um deles, que é operário, nos contou que tinha sido designado por seus colegas para falar com o superior para resolver alguns problemas de trabalho. Sentindo-se desconfortável, tinha decidido ficar doente para evitar esse confronto. Mas depois que voltou de Rímni, ao invés de ficar em casa, preferiu enfrentar com serenidade o seu superior. Estava contente pelo que tinha acontecido outra vez a ele e sentia-se livre para dialogar com qualquer pessoa. Outra amiga nos contou que, vendo uma colega que estava há algum tempo em dificuldades econômicas, decidiu ajudá-la. Porém, sabia que não podia fazer muito porque ela também, na verdade, tem pouco dinheiro. Então, falou com o marido para entender quanto poderiam dar. Disse que trabalha com essa pessoa há quase oito anos, mas só depois dos Exercícios sentiu necessidade de não evitar essa circunstância e ajudá-la. Quando perguntei: “Por que você fez isso?”, ela respondeu: “Não sei bem porque, mas com certeza tem a ver com o que vimos e vivemos juntos em Rímni”. Parece-me que estes breves exemplos documentam o que diz o panfleto: “Aquilo de que todos temos necessidade é de alguma coisa que seja capaz de mudar o nosso olhar, de nos fazer voltar a saborear o gosto pela vida, redespertando a vontade de agir”.*

Carrón: É esse o interesse da política ou não? Participar dos Exercícios deste modo tem uma incidência sobre a política ou não? É o que Dom Giussani nos disse tantas vezes: se participamos desta vida nova, se não esvaziamos a “densidade histórica do Fato cristão” (L. Giussani, “A longa marcha da maturidade”, cit., p. 22), vemos em nós uma mudança do olhar que faz o operário se interessar por sua empresa e a amiga pela situação econômica da colega. Isto significa que o que faz com que nos interessemos por tudo tem a ver com o cristianismo vivido como acontecimento da fé.

Colocação: *Em muitos encontros sobre as eleições vi acontecer o primeiro exemplo do panfleto, ou seja, que a leitura da realidade muda durante o encontro. Em um dos encontros, um grande economista contava lucidamente que o problema da Europa e da economia moderna não é econômico e político, mas cultural: a falta do humano. Mas, mesmo dizendo isso, sua análise era pessimista e cética. Então eu me coloquei, sublinhando que a falta do desejo faz com que não vejamos muitas vantagens que a Europa nos oferece, mas quem é educado a este desejo já mudou: retomando o panfleto, eu disse que nas amizades sociais presentes em tantos pontos da Europa se vê uma mudança*

em ato. Aquele relator mudou a expressão, voltou-se para mim e disse: “Sim, este é o caminho também para a macropolítica: partir de algo que já existe”. A mesma experiência aconteceu em outro encontro com um grande empresário, que disse que só vivendo uma satisfação afetiva é possível construir uma nova política e uma nova economia. E ainda, numa outra cidade, um político conhecido disse: “Deixei a política desiludido e, mesmo sendo antisoberanista, estou tão amargurado que chego a pensar que talvez eles estejam certos, com a sua negatividade”. Então, começou uma miríade de colocações que documentavam uma novidade em ato, um presságio de algo maior, e também ele mudou de posição. Antes de outro encontro, participamos de um almoço onde estava presente o presidente de uma associação ítalo-árabe. Começamos a falar do colapso do comunismo e ele ficou tocado por uma coisa que, depois, repetiu diante de todos: João Paulo II entendeu que para uma mudança real não bastava o colapso do comunismo, mas era preciso um renascimento educativo. Houve também um encontro estranho: uma amiga nossa, conselheira municipal, reuniu todo o Conselho para falar sobre o panfleto. Foi uma discussão belíssima, em um clima amigável, todos partiram de sua posição ideal. Impressionado, eu disse: “Vocês são realmente estranhos!”. Ela me respondeu: “Não, não, normalmente não é assim, normalmente o clima é violento. Esta noite foi estranha, excepcional, porque partimos do conteúdo do panfleto”. Poderia dar muitos outros exemplos. O que estes fatos me ensinaram? Aquilo que vi também nos nossos amigos durante os encontros: um início cético e uma mudança do rosto diante de uma presença, diante dos relatos de experiências, como se a pessoa visse algo que no início não tinha visto. Então, entendi que a experiência não é uma premissa, mas muda a maneira de analisar, faz a pessoa perceber alguns fatos particulares que antes não via e, então, a leva a ter uma postura diferente em relação a cada aspecto da realidade, inclusive a vida política. Falando sobre o voto: como escolher os candidatos? Olhando quem ajuda o crescimento do desejo, as amizades sociais, as soluções compartilhadas e discutidas pelo bem da Europa.

Carrón: Durante um jantar, em relação aos exemplos contidos no panfleto, alguns dos presentes diziam: “O que isso tem a ver com a Europa?”. Amigos, não nos esqueçamos de que a Europa contemporânea, aquela da qual falamos hoje, nasceu de um “exemplo”, de um acordo sobre o carvão e sobre o aço feito entre países que tinham se enfrentado durante a Segunda Guerra Mundial, começando pela Alemanha e pela França. Diante de uma Europa destruída, qualquer um poderia olhar para este fato específico, particular, com o mesmo ceticismo com o qual tratamos os exemplos que ouvimos, porque não conseguimos ver o seu alcance. Mas quem é realista, como os Pais da Europa, sabe que nada pode ser construído a não ser a partir de eventos reais: assim, colocaram em ação um evento real e, no tempo, construíram a Europa. Como nos esquecemos da origem, achamos que construímos algo – na nossa vida ou na Europa – a partir de abstrações e não de fatos reais; queremos tudo imediatamente, aqui e agora, ignorando aquilo que Dom Giussani tinha muito claro: “A impaciência [o que nos caracteriza] não é a última das armadilhas, é a primeira. A experiência cristã [...] mudará o mundo; mas, para mudar o mundo, é necessária toda a trajetória da história” (L. Giussani, “A longa marcha da maturidade”, cit., p. 26). Este fato aparentemente tão pequeno, como o acordo sobre o carvão e sobre o aço, precisou de tempo para poder se desenvolver. Quem, em 1952 (ano da entrada em vigor do tratado), poderia pensar que teríamos uma moeda única? “Você está maluco!”, teríamos dito. Penso também nas muitas outras formas de cooperação da União Europeia. Se não se parte de transformações já em ato, pensar na mudança é uma abstração. Partir de algo que já existe representa a única possibilidade de construir. Quando a pessoa começa a dar valor aos fatos, começa a ver coisas que antes não via e a dar-se conta de que é necessária uma inversão de método: é isso que precisamos aprender. Dom Giussani nos dizia, já no início dos anos 70 (quanto tempo precisamos para compreender!): “Não contrapomos uma teoria [...] [mas] opomos uma vida”. E qual é esta vida? Onde se demonstra esta vida? Como se expressa? “A maturidade [...] se expressa [...] como paixão, um desejo ardente de que a Igreja de Deus viva visivelmente no lugar em que estamos, [...] [que] realize o bem do bairro, da universidade, do trabalho, da paróquia, realize o bem do mundo. Uma presença

encarnada, encarnada! “(ibidem, p. 31). Aqui está a possibilidade de mudar, pedaço por pedaço, a realidade na qual estamos, por parte de todos. Ninguém está excluído desta tarefa no mundo em que habita, no pedaço de realidade que lhe toca, na circunstância na qual vive, no bairro, na universidade, na escola, no trabalho, chegando até a política. Mas, como dizíamos no início, só entende quem se envolve em uma experiência como esta, e começa a ver a mudança em ato.

Colocação: *Na nossa comunidade, muitos se candidataram, sobretudo nas pequenas cidades: pessoas que não necessariamente têm talento para a política. Isso me ajudou a entender o valor político do fato de Cristo e da comunidade. Essas pessoas, de fato, se candidataram em lugares onde a comunidade não existe fisicamente; às vezes apenas o marido e a mulher, ou algumas famílias. Mas a comunidade existe, porque – digo isso olhando para histórias que me contaram, histórias específicas – é o lugar que gera neles esta grande disponibilidade e que os sustenta. Talvez o episódio mais notório aconteceu em uma cidade onde se candidatou um jovem da comunidade. Ali moram alguns veteranos do Movimento, envolvidos há anos na vida do país. Um destes era “o” candidato: um homem apaixonado, se poderia dizer que tinha chegado a sua vez. Mas, assim que soube do jovem, ficou tão entusiasmado que desistiu da candidatura e agora está fazendo a campanha eleitoral com e para ele. O jovem, além do maravilhamento pelo modo como está sendo acompanhado por estes adultos, ficou impressionado com a importância dessas pessoas na cidade: não assumiram papéis de relevo do ponto de vista político, no entanto muitos deles são conhecidos e estimados. São um sujeito político. Fiquei surpreso com tantas e novas provocações que emergem das perguntas do panfleto (são provocações audaciosas!), que encontraram uma certa resistência também nas pessoas que convidamos para os encontros públicos, e realmente são muito desafiadoras e fazem nascer outras perguntas. Então, pergunta após pergunta, fomos levados a trabalhar juntos, em particular sobre o texto “A longa marcha da maturidade”, de 1972. Houve uma bela discussão a partir da pergunta de uma amiga, provocada pelo fato de que onde alguns de nós moram haverá eleição para prefeito e as pessoas da comunidade têm posições diferentes, divergentes. A pergunta nasceu deste trecho: “Só a expressão cultural que nasce de uma experiência unitária pode nos tornar capazes de um juízo unitário sobre a situação. Pelo contrário [...] o que se passou a fazer (estou falando de juventude estudantil e jovens trabalhadores, na época) foi exaltar como normal as diferenças de posicionamento nas situações, considerando que depois, quando se tivesse o poder nas mãos, aí sim se poderia, com a organização, impor uma certa maneira de agir comum” (ibidem, p. 24). Diante das diferentes posições da qual falava, normalmente oscilando, tanto para um lado quanto para o outro, a estrada que durante a discussão nos parecia mais interessante era, mais do que uma aproximação e uma reconciliação na tentativa de uma unidade “horizontal”, o caminho em direção à verdade, em direção a Cristo. Tudo isso tem a ver com a unidade, antes de mais nada, da pessoa e da experiência que fazemos juntos, mas que acontece na pessoa. Então, a pergunta que nasceu é esta: o que significa que “uma experiência unitária pode nos tornar capazes de um juízo unitário”? Enquanto discutíamos, é como se entre nós houvesse dois níveis de unidade: a unidade da pessoa e, depois, a unidade da comunidade.*

Carrón: Tente explicar qual é a relação entre a unidade da pessoa e a da comunidade.

Colocação: *Para mim a resposta é fácil, sobretudo olhando para os amigos dos quais eu falava: o que tornou possível eles se colocarem juntos (também aquele que desistiu da candidatura) é o fato de que são pessoas apaixonadas por Cristo, apaixonadas pelo Fato de Cristo.*

Carrón: Sua colocação me deixa bastante impressionado. Estamos diante de duas situações. Por exemplo, a segunda que você descreveu, onde as pessoas da comunidade têm posições diferentes e a pessoa se pergunta: “Como podemos resolver esta divisão? Deveríamos chegar a uma unidade?”. Para poder chegar a esta unidade, já que não a conseguimos discutindo, o que deveria acontecer? O Movimento deveria intervir para colocar ordem? Mas assim, como diz Giussani, se chegaria a uma decisão organizativa por parte de quem detém o poder. Por isso me impressionou tanto o primeiro

episódio que você contou. O que fez com que o candidato *veterano*, que era “o” candidato, tenha cedido o lugar a um jovem? O que pode preencher o coração a tal ponto de levar uma pessoa a ceder o próprio lugar a um outro, chegando a se dispor a trabalhar para e com ele, quando, ao contrário, normalmente se briga, se discute para ver quem “leva o gato para a água” – como dizemos na Espanha –, ou seja, quem consegue fazer prevalecer os próprios interesses? Aqui, nos surpreendemos porque aconteceu uma coisa absolutamente única. Você falava sobre estar apaixonados por Cristo. Eu digo: justamente pela plenitude que vivem por força do encontro acontecido, alguns fizeram uma experiência tal de unidade da própria pessoa e de unidade com os outros agarrados ao mesmo encontro que, sem a intervenção de qualquer poder externo, nasceu neles um juízo comum, surgiu daquela experiência unitária uma expressão cultural unida também na política. Durante anos não acreditamos que isto poderia acontecer, conseqüentemente pensamos que para poder resolver brigas e controvérsias a autoridade precisaria intervir organizativamente. Precisamos esperar décadas para ver como é possível chegar a uma expressão unitária até na política, que é o âmbito mais complicado. “Só a expressão cultural nascida de uma experiência unitária [e, portanto, da plenitude que a pessoa vive] pode nos tornar capazes de um juízo unitário sobre a situação”, um juízo não imposto pelo poder ou pela organização justamente porque nasce da experiência. E, então, nos surpreendemos ao ver acontecer o que pensávamos que não pudesse acontecer. Somente se seguimos o método de Deus, se levamos a sério a pergunta que indicamos e a proposta da fé como resposta a esta pergunta, podemos fazer uma experiência unitária tão radical e profunda a ponto de conseguir expressá-la inclusive politicamente em uma unidade visível. O episódio dos dois candidatos – o *veterano* e o jovem – me deixa sem palavras, porque é aquilo que durante décadas pensamos que fosse impossível. Esta unidade é de tal forma única que dá testemunho de Cristo, porque a única coisa que a torna possível é Cristo presente, vivo: esta é gerada pela experiência de plenitude que Cristo nos doa se nós O acolhemos. É a única maneira de poder alcançá-la. Somente isso permite a uma pessoa ceder o lugar a outra: vivendo uma plenitude no presente, não tem necessidade daquele lugar para preencher um vazio, ao contrário, é possível se colocar a serviço do último que chega. É esta unidade que verdadeiramente testemunha Cristo, enquanto a divisão elimina a capacidade de testemunho do Fato cristão. E o fato de que o poder, a organização, quem guia tenha que intervir para “unir” é o sinal de que não conseguimos ser unidos como experiência, é o reconhecimento do dualismo, é a vitória do dualismo. Mas nós podemos falar dos Exercícios e chegar às eleições, como vimos esta noite. Por isso, logo após a frase citada na última colocação, Dom Guissani continua: “Ocorreu uma divisão perante o mundo [...], uma divisão terrível que [...] eliminava a capacidade do Fato cristão de dar testemunho ao próprio mundo. O testemunho do Fato cristão no mundo está na sua presença [que unida responde] perante a necessidade do mundo” (*ibidem*, p. 24). Por isso, quando acontece a vitória sobre o dualismo e sobre a divisão, a pessoa se pergunta: como um *veterano* conseguiu fazer este gesto em relação a um jovem? Somente por causa da experiência da fé. Sem a experiência da fé e, portanto, sem ir a fundo na pergunta dos Exercícios, é impossível que possamos dar testemunho público da unidade, inclusive na política. Uma unidade como esta não pode ser imposta de fora; deve nascer da unidade do eu, da unidade de vida do meu eu com o eu daqueles que foram agarrados pelo mesmo gesto de Cristo (“todos vós que fostes batizados fostes identificados com Cristo, [...] e sois um em Cristo Jesus”; cf. *Gal* 3,26-28): é essa unidade que gera um movimento unitário e se expressa em tudo, até na política. Este é o desafio diante do qual estamos, por isso, as eleições são uma ocasião privilegiada para a verificação da fé, como dissemos, para a verificação do que os Exercícios significam, do que significa “politicamente” ter vindo aqui esta noite, como reconheceu um bispo que disse a alguém que lhe contava uma história sobre acolhida: “Isso parece uma coisa muito pequena e insignificante, no entanto, é a resposta a toda a escuridão que existe ao redor, no mundo”.

Avisos:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, 19 de junho, às 21h. Começaremos a trabalhar a Primeira Meditação dos Exercícios da Fraternidade junto com as partes da Assembleia correspondentes ao tema da Primeira Meditação.

O texto dos Exercícios estará disponível no site de CL. O livreto virá anexado à revista *Passos* de julho. Além disso, vocês também poderão encontrar no site o áudio com a leitura da Primeira Meditação. Muitos já baixaram o áudio da Introdução. Ele pode ser útil quando estamos no carro.

A revista Tracce de junho, com o título *América, Américas*, documenta como o carisma de Dom Giussani é visto e vivido por quem o encontra hoje, do Canadá à Argentina. É uma vida que dilata a vida, como testemunham também as cartas, os artigos e as entrevistas que vocês poderão ler.

Propomos alguns livros para o verão [europeu]:

- *La verità nasce dalla carne*, de Luigi Giussani (volume 3 da coleção Bur Rizzoli “Cristianesimo alla prova”), que reúne os textos dos Exercícios da Fraternidade de 1988 a 1990.
- *Coros de “A Rocha”*, de T.S. Eliot

E dois romances que acompanham o trabalho dos Exercícios:

- *Barrabás*, de Pär Lagerkvist (Editora Cruzeiro)
- *La casa degli sguardi*, de Daniele Mencarelli (Mondadori)

Trabalho Voluntário no Meeting de Rímimi. Também este ano é pedida, de maneira particular, a participação dos adultos tanto no pré-Meeting quanto no Meeting.

Para informações, escrever para o e-mail: volontari@meetingrimini.org

Também quero dizer que no sábado, 1º de junho, acontecerá em muitos lugares, na Itália, o evento Meet the Meeting, para dar apoio e convidar para o Meeting.

Foi aberto, no dia 1º de maio, o Ano Jubilar dedicado a São Ricardo Pampuri, no trigésimo ano da sua canonização. Como muitos de vocês sabem, Dom Giussani sempre nos falou de São Ricardo como o santo “próximo” a nós. Primeiro, pela cura de uma pessoa amiga e, depois, por tantos outros milagres. Ele recomendou que rezássemos para ele, e nos disse que “a devoção aos santos tem um significado especial pelo fato de que eles são contemporâneos: nos lembram que o mistério de Cristo está presente para nós” (*L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p.11). O Jubileu durará um ano. É possível obter a indulgência plenária participando das celebrações jubilares e rezando diante das relíquias do Santo na igreja paroquial de Trivolzio.

Para informações: www.giubileosanricardopampuri.it

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos!